

Sarney faz desabafo e acusa empresários

Memélia Moreira

«Esse jornal só defende os interesses dos banqueiros internacionais e seus próprios interesses. Nada mais». A declaração foi feita na manhã de ontem pelo presidente José Sarney, referindo-se à manchete de um grande jornal paulista, seis horas antes da reunião do Conselho de Segurança Nacional. Os relógios do Palácio do Planalto marcavam 9h40, quando o presidente da república fez sua observação, conversando com a professora Terci Moreira, com quem falou sobre problemas nacionais e literatura. A conversa foi interrompida pela chegada do deputado Ulysses Guimarães, pouco depois das dez horas.

Sarney apresentava sinais de uma noite mal dormida, embora com expressão menos tensa do que nos últimos 20 dias. Ele chegou ao Palácio às nove da manhã, despachou com seu secretário particular, Jorge Murad, com os ministros da casa e com Dante de Oliveira, da Reforma Agrária; Paulo Brossard, da Justiça, e Abreu Sodré, das Relações Exteriores. Sodré, antes de ser recebido pelo presidente Sarney, esteve com o general Bayma Denys, sempre usando as dependências privativas do Palácio, para evitar a imprensa. Na última audiência da manhã, Sarney recebeu e se deixou fotografar com as esposas dos governadores eleitos, quando voltou novamente a relaxar.

A observação feita pelo presidente da república sobre a defesa de interesses dos banqueiros internacionais se repete num espaço de 23 dias. No último dia 28 de janeiro ele se manifestou sobre o

crescimento das críticas contra seu governo, afirmando que «as críticas formam um círculo vicioso. Esses jornais criticam porque são lidos por pessoas que querem ver as críticas na imprensa. O povo não tem dinheiro para comprar jornal e é esse povo, são essas pessoas que nunca conseguiram comprar um litro de leite para um filho pequeno, que confiam em mim. O Plano Cruzado teve seus erros, teve seus acertos, mas ninguém nesse país pode dizer que o Brasil está pior do que há um ano. Houve uma revolução sem sangue».

Sarney reconhece que houve erros e, também, que houve uma dose de incompetência, porque o Plano Cruzado não foi corrigido no momento exato. Mas, apesar das críticas, ele não pretende substituir o ministro Dilson Funaro, da Fazenda, por razões pessoais, porque o presidente da república não esconde um fato: além dos erros cometidos, o Plano Cruzado sofreu uma sabotagem interna, a nível do empresariado nacional e dos próprios setores do governo que não conseguiram superar sequer a questão do abastecimento, e uma sabotagem das empresas multinacionais, que não aceitaram o congelamento.

A incompetência — palavra usada freqüentemente pelos que privam da intimidade do presidente — Sarney pretende corrigir dentro de um prazo mínimo. Quanto à sabotagem, presidente reconhece que o individualismo culturalmente enraizado no país dificilmente se supera em um governo. «Como corrigir esse problema, quando não se consegue nem mesmo organizar cooperativas?», indagou o presidente da república.